

À beira da recessão

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Na próxima quinta-feira, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vai engrossar os argumentos da ala governista que defende o corte imediato das taxas de juros. A divulgação do resultado do Produto Interno Bruto (PIB) do país nos primeiros três meses da administração de Luiz Inácio Lula da Silva mostrará um país perto da recessão. Em relação ao último trimestre de 2002, o crescimento do PIB ficou negativo ou muito próximo de zero.

Há especialistas apostando em queda de até

1,5% e analistas falando em crescimento de 0,4% no máximo.

“Nas duas previsões, a constatação é clara. A atividade econômica do Brasil parou”, diz o diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Sérgio Gomes de Almeida. A constatação se torna mais alarmante, porque nos primeiros três meses do ano foi mínimo o reflexo do aumento das taxas de juros iniciado no final de 2002.

Na verdade, todo o arrocho endossado pelo ministro da Fazenda, Antônio Palocci Filho, para o combate à inflação, está surtindo efeito neste segundo trimestre. “Não temos indicadores fechados sobre o desempenho da produção e das vendas em abril e maio. Mas não há dúvidas de que já podemos considerar o primeiro semestre de 2003 como um período perdido”, afirma o economista-chefe da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castello Branco. “Os juros altos foram definitivos para selar tal resultado”, emenda.

A estagnação da economia é tamanha, destaca Paulo Levy, coordenador do Grupo de Conjuntura do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que o órgão ligado ao Ministério do Planejamento já se prepara para rever sua previsão de crescimento de 1,8% para este ano. “O andamento da economia está mais fraco do que o imaginado no início de 2003”, admite.

Levy cita dois indicadores para comprovar sua constatação: o consumo encolheu 1% no primeiro trimestre e os investimentos produtivos caíram 4%, ambos na comparação com igual período do ano passado. Pelos cálculos do IBGE, as vendas do comércio recuaram

11,31% em março, frente ao mesmo mês de 2002, e 5,8% na confrontação do primeiro trimestre. A indústria, também pelas contas do IBGE, teve queda de 3,4% em março ante fevereiro, e a produção foi para o buraco porque a demanda interna despencou.

Segundo Fábio Pina, assessor econômico da Federação do Comércio de São Paulo (Fecomércio-SP) a retração econômica

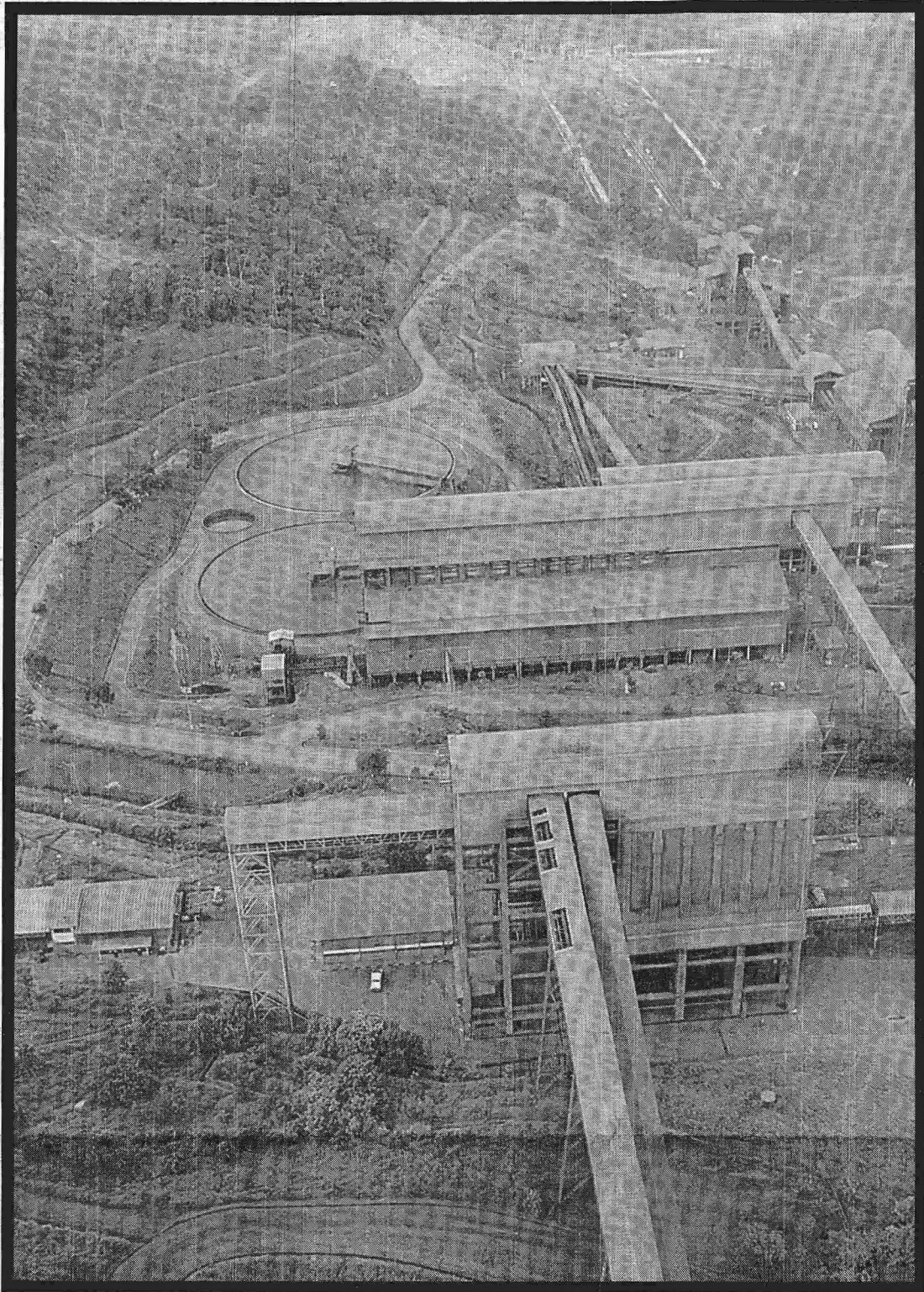
está sendo mais forte nos setores que necessitam de crédito e renda para crescer: o de automóveis e de bens duráveis, com eletroeletrônicos. Nos caso de veículos novos, a retração nas vendas varia entre 15% e 20%. Entre as lojas de carros usados, o faturamento encolheu mais de 30%.

Na avaliação dos especialistas, as taxas medíocres de crescimento deixaram de ser um problema conjuntural, temporário. “Estamos diante de um grave problema estrutural”, destaca Júlio de Almeida, diretor do Iedi. A seu ver, nos últimos 20 anos, o Brasil perdeu a capacidade de investimento e a infra-estrutura se deteriorou. O

“**A CONSTATAÇÃO É CLARA. A ATIVIDADE ECONÔMICA DO BRASIL PAROU**”

Júlio Sérgio Gomes de Almeida, diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi)

Wanderlei Pozzembom/ 13.12.96



MINA DA VALE DO RIO DOCE, EMPRESA QUE VAI INVESTIR US\$ 6 BILHÕES NAS ÁREAS DE ENERGIA, LOGÍSTICA E MINERAÇÃO

endividamento público sugou toda a poupança interna. O país teve, então, de recorrer ao mercado internacional para se financiar, o que levou ao brutal aumento das taxas de juros. “Foi o único jeito de atrair capitais.”

O resultado disso: a média de

crescimento do país nos últimos 20 anos foi de 2,5% ao ano. Como a população do país apresentou, no mesmo período, expansão média anual de 1,5%, a renda per capita do brasileiro aumentou mingua-dos 1% ao ano. “São números insignificantes quando se trata de

um país como o Brasil”, afirma Mário Paiva, analista econômico da Corretora Liqueidez. E ele vai mais longe: se as taxas de juros não caírem de forma mais acentuada nos próximos meses, a evolução do PIB deste ano poderá ser inferior ao 1,6% contabilizado em 2002.